

POLÍTICA

SUGESTÃO DE DELFIM A SARNEY

“Um ato heróico”

O heroísmo: solicitar eleições para presidente, deputados federais e senadores. E romper com o PMDB se não houver apoio.



Um ato heróico de Sarney solicitando do presidente do Congresso eleições para presidente da República, para deputado federal e para senador, no ano que vem, seguido pelo imediato rompimento com o PMDB, se o partido recusar apoio à proposta, mais a nomeação de um Ministério de salvação nacional, composto por homens de sua confiança, capaz de executar um programa mínimo de recuperação do Estado brasileiro.

Essa fórmula foi sugerida ontem pelo deputado Delfim Netto, em declarações a O Estado e ao Jornal da Tarde como a única em condições de evitar a desagregação do País. Para o ex-ministro do Planejamento e da Fazenda, o presidente passaria a história como estadista, recuperando-se da imagem adversa que adquiriu e, mais do que isso, impediria o caos que fatalmente nos levará a qualquer lugar, menos à democracia.

Disse que Sarney está perdido, conseguindo ou não a fixação de seu mandato em cinco anos, uma obstinação trágica. O presidente abriu mão da prerrogativa de ter mandato ao abdicar dos seis anos para os quais foi eleito e ao anun-

ciar à Nação que ficaria cinco. Por que não quatro, então? Seu mandato era legítimo e ele o ilegitimou indo à televisão e dizendo “vejam como sou bonzinho, tinha seis e só quero cinco anos”. Com isso, hoje, o mandato presidencial está nas mãos da Constituinte. Sarney, abdicando de um ano, leva à conclusão de que o Brasil ficará melhor se ele perder dois, numa hora em que estamos pegando fogo. Delfim acentuou:

“Vamos aprender, um dia, que a lógica deve ser respeitada, tanto quanto à palavra e às assinaturas. Eleições presidenciais em 1988 criarão uma expectativa, mesmo lá na frente. Serão fundamentais para o desarmamento dos espíritos. Dá-se uma esperança de que as coisas poderão voltar a se arrumar. Mas não poderemos ter eleições apenas para presidente da República. Elas precisarão realizar-se também para o Congresso. Como admitir um novo presidente, seja o sistema de governo presidencialista ou parlamentarista, eleito por mais de 40 milhões de votos e encontrando um Congresso em funcionamento, hostil a ele, dominado pelo PMDB? Se o PMDB não quiser

marcar eleições parlamentares, se ficar contra essa hipotética proposta do próprio Sarney, caso ele a faça, o remédio será o presidente ir para as ruas. Dizer que o seu partido é o Brasil e empenhar-se na aprovação de sua proposta. Ao mesmo tempo compondo um Ministério capaz de atacar o déficit público, recuperar a economia, pôr na rua a montanha de cabos eleitorais nomeados pelo PMDB e entregar ao sucessor um País arrumado. O PMDB não pode mais continuar praticando contra a Nação o estelionato que praticou nas eleições do ano passado, do qual, aliás, Sarney foi cúmplice e agora é vítima. Os peemedebistas serão golpistas consumados, caso se insurjam contra eleições para o Congresso no próximo ano. Mostrarão preferir a desgraça nacional ao risco de uma eleição, cientes, por certo, de que não a vencerão. Nem para presidente da República nem para formar maioria no futuro Congresso. Irônico que o Brasil seja o único País do mundo onde se diz que eleição é golpe” — ressaltou.

Desagregação

Irritado em certos momentos, emocionado em outros, Delfim Netto disse esperar que o presi-

dente da República atenda aos reclamos nacionais. Enfatizou que estava informado de que Sarney ontem convocou parlamentares ao Palácio do Planalto, de manhã e de tarde, comportando-se pateticamente como se a solução de todos os problemas estivesse nos cinco anos de seu mandato, questão a ser decidida dentro de quatro ou dias na Comissão de Sistematização.

Em suas palavras, são muitos os indícios de desagregação. A economia está desordenada, com um presidente do Banco Central ingênuo e incapaz, comandando garotos inocentes e sendo comandado por um ministro que, mais do que nunca, parece uma aluna do colégio Sion perdida no La Licorne. A moratória, a atual renegociação da dívida, as propostas absurdas que fizemos aos credores, semanas atrás, o cerco atualmente estabelecido contra a empresa privada, a paralisação das atividades produtivas, o desdém pelo capital estrangeiro, o déficit público, a marcha-à-ré tecnológica — tudo denota uma estranha intenção de se nivelar o País por baixo, pela pobreza.

As previsões catastróficas de Delfim Netto não se limitam à inação e à perplexidade do governo.

Misturam-se com os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte.

“Também” — continuou — “nunca houve na História do mundo uma Constituinte que começasse a trabalhar sem um texto base. O resultado está sendo a tentativa bem orquestrada por minorias radicais de inviabilizar as instituições. Da reforma agrária à estabilidade no emprego e às 44 horas de trabalho semanal, da estatização da distribuição dos derivados de petróleo, da proibição do capital estrangeiro atuar na área da mineração à estatização da saúde e da educação, será o caos, se o chamado Centrão não puder reverter o processo. Coisa que só conseguirá se Ulysses Guimarães estiver despertado para a tarefa. Ele é de longe o mais competente, jamais ficou contra a maioria” — lembra Delfim.

Kadafi tupiniquim

Uma saída para a nova Constituição, na sua opinião, seria a rejeição em bloco de todo o projeto Bernardo Cabral, com os trabalhos constituintes sendo reiniciados a partir, por exemplo, da Constituição de 1946. Não seria difícil adaptá-la aos tempos modernos. Ou, mesmo, à Constituição de 1967.

Delfim vibrou outra vez o tapa-pe sobre o PMDB, dizendo que ele poderá ser responsável pelo maior dos impasses nacionais caso insista em manter os principais aspectos do projeto Bernardo Cabral e, também, se obstar as eleições para presidente da República e para o Congresso, em 1988. Pelas informações de que dispõe, o PMDB já está rondando os quartéis para ver se arranja um general capaz de ser seu candidato à presidência. Nessa linha, poderão ser criadas condições para o aparecimento de um coronel Kadafi tupiniquim. Não acredita em golpe de generais e louva a ação democrática dos três ministros militares. Mas lembra que o PMDB precisa aceitar a possibilidade de derrota.

Delfim Netto considera as eleições em 88 viáveis, com uma espécie de união nacional em torno do nome de Antônio Ermírio de Moraes, interessando-lhe menos se o empresário paulista não postula e não quer ser candidato. Aceitará, como imposição. Julga-o o melhor nome para enfrentar Leonel Brizola, podendo obter a vitória até no segundo turno, previsto constitucionalmente.

Carlos Chagas



Governadores da Sudene, reunidos: queixas.

A sina do Nordeste

Os governadores do Nordeste se reuniram ontem, em Fortaleza, para tratar da seca que assola a região, mas pouco antes o governador da Paraíba, Tarcísio Burity, procurou deixar clara a dependência nordestina das benesses do governo federal e, em consequência, a necessidade de a região apoiar as vontades do Palácio do Planalto: “Se o governo é bom” — disse — “teremos saudades dele; se é ruim, temos que ficar com ele até o fim; e se for mais ou menos claro que teremos que permanecer com ele até o fim”.

Um dado significativo dessa condição é o fato de o governador de Pernambuco, Miguel Arraes — um dissidente em relação a Sarney — ter mendigado miseros Cz\$ 2 bilhões ao ministro do Interior, João Alves (que se atrasou para a reunião), para minimizar os efeitos da seca em seu Estado, enquanto o governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, recebia ontem mesmo da Caixa Econômica Federal Cz\$ 11,3 bilhões para investimentos em obras viárias. Ao contrário de Arraes, Cardoso nunca perde uma oportunidade para alardear apoio absoluto a Sarney, apoio que reafirmou ontem, logo depois de saber da liberação do dinheiro pela CEF.

Repetindo ser favorável ao mandato de cinco anos e ao presidencialismo, como exige o presidente, Newton Cardoso se desfez em elogios ao chefe do governo e ao ministro do Desenvolvimento Urbano, Prisco Viana (que também autorizou a liberação), afirmando que, “mais do que um companheiro, eu tenho mineiros honorários no governo”.

Pressões?

Em Fortaleza, o governador da

Paraíba, Tarcísio Burity, também comentou a recente reunião de governadores no Rio de Janeiro, constatando que, “para surpresa minha, estou notando que alguns governadores estão mudando de posição. Mas a minha, garanto, não mudará”.

E afastou qualquer possibilidade de vir a receber pressões de governadores da Bahia, Waldir Pires, e Miguel Arraes, de Pernambuco, e vir a rever sua posição: “Até agora não fui procurado por ninguém. E mesmo que seja, minha posição será a mesma. Defendo cinco para o presidente Sarney”.

O governador do Piauí, Alberto Silva, nem quer ouvir falar de parlamentarismo, “que não deu certo nem com o doutor Tancredo”. E fez sua profissão de fé: “Sou presidencialista, com mandato de cinco anos para o presidente da República. Sou presidencialista desde que iniciei minha vida pública e acho que outro sistema agora não será bom para o País”. Da mesma forma, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, defendeu cinco anos para Sarney, embora considerando que há assuntos mais importantes para se tratar, como a seca que destrói o Nordeste.

Apenas Waldir Pires, Miguel Arraes e Fernando Collor de Mello, este governador de Alagoas, não fizeram coro ao apoio absoluto a Sarney no Nordeste (o governador do Maranhão, Eptácio Cafeteira, foi o único a não comparecer e a não enviar representante). Mesmo assim, o único que falou abertamente foi Fernando Collor, defendendo diretas para presidente em 88 e anunciando seu candidato: Mário Covas.

Enquanto novas vozes engrossam o coro em favor das diretas para a Presidência em 88, o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, questionado sobre a tendência da Comissão de Sistematização de antecipar as eleições para o ano que vem, pediu: “Não façam antevistas, pois nada ainda está definido”. E negou qualquer pretensão de se candidatar à sucessão do presidente José Sarney, com quem tomou o café da manhã ontem. Em Porto Alegre, porém, a possível candidatura de Leônidas foi considerada “boa” pelo comandante militar do Sul, general Edison Boscacci Guedes.

O general Leônidas Pires Gonçalves, que deixou de viajar ontem para o Rio Grande do Sul, negou que isso se devesse a um pedido do presidente Sarney para que todos os ministros permanecessem em Brasília. “Eu resolvi ficar porque achei que os dias aqui estão muito interessantes”, disse. Indagado se seria devido às votações do final de semana, Leônidas apenas sorriu. Sobre sua candidatura à Presidência, respondeu que “não é um projeto pessoal meu. Só se for por analogia. Mas a história não se repete”, disse.

Para o general Edison Boscacci, entretanto, Leônidas “seria um bom candidato. Dizem que ele vai se candidatar, eu não sei”, afirmou, frisando que as Forças Armadas acatarão uma eventual decisão da Constituinte de convocar diretas para 88. Sobre uma possível volta dos militares ao poder, disse que seria um “retrocesso”, mas ressaltou que se Leônidas chegasse à Presidência pelo voto seria diferente, pois teria disputado uma eleição normal.

Quércia candidato?

No Palácio dos Bandeirantes, os comentários são de que no último encontro de governadores no Rio teria sido acertada a candidatura do paulista Orestes Quércia para presidente, com Waldir Pires, da Bahia, para vice. Eles teriam concluído que Quércia tem hoje o maior índice de popularidade entre os governadores do PMDB.

Em coletiva à imprensa, porém, o governador de São Paulo negou essas informações. Para ele,

o nome do PMDB à sucessão na Presidência da República deverá sair da convenção do partido.

“Não sou candidato”, rspeitiu o governador, “tanto que não estou trabalhando por isso”, disse. Hoje a Assembléia Legislativa de São Paulo vota moção do deputado Ivan Valente sugerindo que “sejam realizadas eleições diretas para a Presidência da República em 1988”. A matéria foi apresentada em julho, mas só entrará em pauta agora porque neste final de semana a Comissão de Sistematização define a duração do mandato presidencial.

Em Manaus, o BSB já marcou para o dia 21 um grande comício

Diretas: os militares aceitam. E têm candidato.

pelas diretas-já. O presidente regional do partido, ex-deputado Arthur Neto, previu a participação de pelo menos dez mil pessoas, e confirmou a presença do prefeito do Rio, Saturnino Braga, e líderes nacionais do partido. Para ele, só as diretas para presidente resolverão os problemas brasileiros.

Essa também é a opinião do ex-ministro da Reforma Agrária e prefeito de Cuiabá, Dante de Oliveira. Para ele, a situação do País é muito difícil, e “não existe outro caminho” para resolvê-lo a curto prazo. E a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), o maior complexo de comunicações do Sul, aderiu formalmente à campanha pelas di-

retas em 88, como “forma de institucionalização definitiva da democracia”, como destaca editorial publicado na edição de ontem do jornal Zero Hora.

E um candidato à sucessão presidencial também deverá ser lançado pelo novo partido a ser formado por dissidentes do PMDB, PFL, PDT e PT. Segundo informações do deputado Pimenta da Veiga (MG), o mandato de Sarney não passa de 1988, e havendo eleição o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, seria o candidato do grupo. Também a nova agremiação a ser criada reunindo o atual PFL, os moderados do PMDB, e parte do PDS e do PTB já pensa em seu candidato, possivelmente o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves.